

Infância: soluço da linguagem? Uma leitura de vozes no conto “Tentação”, de Clarice Lispector

Renata Caroline Penzani*

<https://orcid.org/0000-0003-0721-7897>

*Os fatos são sonoros, mas entre os fatos há um sussurro.
É o sussurro o que me impressiona.*
(Clarice Lispector, *A hora da estrela*, 1977)

Resumo: Este ensaio propõe aproximações entre infância e linguagem no conto “Tentação” (1999), de Clarice Lispector. Desvencilhamos as aparições da criança do discurso comum e demonstramos como elas metaforizam a ideia de linguagem como um soluço – imagem poética criada por Clarice e aqui ampliada filosoficamente para relacionar a infância à ausência de voz. Nesse percurso, dialogamos com Brites (2021) e Lajolo (1997). A fim de descristalizar a noção de infância como aquela que não tem voz, conectamos Larrosa (1996) e Bachelard (1988). Assim, observamos como o conto revela as infâncias em uma profundidade que complexifica e recusa a autoridade do adulto sobre a criança.

Palavras-chave: Clarice Lispector. infância. linguagem. *Tentação*.

Childhood: a language hiccup? A reading of the short story *Temptation*, by Clarice Lispector

Abstract: This essay proposes approximations between childhood and language in the short story *Tentação* (1999), by Clarice Lispector. We analyze the child's apparitions and demonstrate how they metaphorize the idea of language as a hiccup – a poetic image created by Clarice and philosophically expanded here to relate childhood to the absence of voice. In that way, we dialogue with Brites (2021) and Lajolo (1997). In order to undo the notion of childhood as that which has no voice, we connect Larrosa (1996) and Bachelard (1988). So, we observe how the tale reveals childhood in a depth that complexify and refuses the authority of the adult over the child.

Keywords: Clarice Lispector. childhood. language. *Tentação*.

L'enfance: l'hoquet du langage? Une lecture des voix au conte *Tentação*, de Clarice Lispector

* Universidade Federal Rural de Pernambuco. Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação PROGEL, da UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco). E-mail: renatapenzani@gmail.com.



Résumé: Cet essai propose des approximations entre l'enfance et le langage dans le récit *Tentação* (1999), de Clarice Lispector. On analyse les apparitions de l'enfant et on cherche à démontrer comment elles métaphorisent l'idée du langage comme un hoquet – une image poétique créée par Clarice et élargie philosophiquement ici pour relier l'enfance à l'absence de voix. Dans ce sentier théorique, on dialogue avec Brites (2021) et Lajolo (1997). Pour défaire la notion d'enfance comme ce qui n'a pas de voix, on rapproche Larrosa (1996) et Bachelard (1988). Ainsi, on observe comment le récit révèle l'enfance dans une profondeur qui complexifie et refuse l'autorité de l'adulte sur l'enfant.

Mots clés: Clarice Lispector. enfance. langage. *Tentação*.

Palavras iniciais

“Nenhum aprendiz de feiticeiro das artes da palavra ou do pensamento deixaria de concordar que as comprovações de ideias lançadas em um ensaio são da ordem da percepção poética e não da dedução”, diz Lucio Agra no texto de orelha do livro *Performance, recepção, leitura*, de Paul Zumthor (Agra *apud* Zumthor, 2018, s.p.). Escolho essa (in)citação para abrir este texto não como forma de esQUIVA à concretude do pensamento (afinal, este deve de bom grado permitir-se comprovar quando necessário, ou ao menos possibilitar que sejam checadas suas fontes de inspiração, que é parte da maturidade do pensar), mas, sim, com o desejo genuíno de manter abertas as janelas da interpretação. Assim, buscamos ventilar outras apreensões diferentes das colocadas aqui. Apreensão esta que é apenas *uma*, em um mundo de *tantas* leituras vastas, plurais.

A percepção poética interessa mais que a dedução, pelo fato de o conto analisado aqui ser, em si, uma obra aberta, como o são todas as outras. Portanto, intuir, mais que concluir, será o objetivo tangente a todas as vezes em que outros textos forem trazidos à baila aqui.

Faremos uma leitura do conto “Tentação”, de Clarice Lispector, com o objetivo de identificar as aparições de infância e demonstrar como suas representações contidas no texto a situam no lugar do infante – sujeito desprovido de voz. Verificamos como Lispector lança mão de recursos narrativos para assemelhar, no texto, as personagens cachorro e criança, cada qual em sua experiência de abandono (Lispector, 1999).

Buscamos associar a imagem poética criada por Clarice – ou seja, a personagem narrada no texto, uma criança que está com soluço –, à própria noção de linguagem e de infância. Assim, se a criança com soluço tem sua voz interrompida, a infância seria aqui uma metáfora para a ausência de linguagem.

Nessa trilha poética de leitura, proporemos conexões entre o pensamento de Brites (2021) e Lajolo (1997) acerca de como a literatura clariceana apresenta a criança. A partir daí, buscaremos aproximações com teóricos que pensam a criança em uma visada filosófica diversa, compreendendo a infância tanto enquanto alteridade da qual nada poderemos saber de absoluto (Larrosa, 2006), quanto como um lugar, que não necessariamente está ligado a uma fase da vida, mas a uma postura diante das coisas (Bachelard, 2018).

Descristalizar a infância

O conto “Tentação” foi publicado pela primeira vez no livro *A legião estrangeira*, de 1964, aqui considerado em sua edição de 1999, e a cuja leitura daremos a saborosa finalidade de buscar a infância. É possível, nesse texto, tatear visões de infância contidas não somente no interior da literatura clariceana, mas também, principalmente, reconhecer como elas dialogam com as noções cristalizadas do que é afinal ser criança no imaginário coletivo.

Dada a sua relevância estética e artística no campo dos estudos literários, talvez não seja preciso dizer que a bibliografia de Lispector foi explorada, avaliada, vista e revista senão à exaustão, muito próximo dela. À parte isso, sabemos: não há exaustão quando falamos em encontrar-nos com “o prazer do texto” de que falava Barthes no título de seu livro (2015), este que nos incita ao desejado e fatídico momento em que levantamos a cabeça do livro, e só neste gesto começamos enfim a pensar não mais sobre ele, mas *com ele, nele, por causa dele*.

Entretanto, trata-se de um texto mais escuso na bibliografia da autora, longe do que podemos chamar “o cânone de Clarice Lispector”, não só por tratar-se de um conto,

e não um de seus romances ou híbridos inclassificáveis, mas também por figurar entre as produções mais curtas – “Tentação” ocupa apenas duas páginas do livro *A legião estrangeira*, e não apresenta aparentes sobressaltos temáticos, como é comum a outras obras da autora. Aqui, interessam as reações sutis a percepções cotidianas e gestos banais, quase anônimos. Escreveu Clarice: “Meus livros, infelizmente para mim, não são superlotados de fatos e sim de repercussão dos fatos nos indivíduos” (Lispector¹ *apud* Rosenbaum, 1982, p. 8).

No entanto, é justamente nas entrelinhas do que poderia supor a sua diminuta estrutura que se guardam as importâncias que fazem deste um texto superlativo, capaz de conjugar o que de melhor pode conter o universo clariceano: a metafísica, o existencialismo, o humano em demasiada tomada de (in)consciência de si e, portanto, em conflito com o mundo. Elementos que, em “Tentação”, manifestam-se pela representação de uma infância presente em diversos outros textos também adultos da escritora, revelam-se em uma profundidade rara que ironiza, problematiza e complexifica a tantas vezes dúbia e perversa visão do adulto sobre a criança.

Para Brites (2021, p. 17), o tempo da meninice nos textos de Clarice para o público adulto configura uma visão de amargura, seguindo a tradição observada por Lajolo (1997). Para a professora, o que as crianças dos textos de Clarice quase sempre fazem é contrastar a ideia idílica de ingenuidade e pureza mais comumente alimentada nas narrativas compartilhadas há séculos:

As crianças aparecem nas páginas de variadas vertentes da literatura brasileira, recorda Marisa Lajolo, e “quase sempre em *scripts* que invertem radicalmente a representação idílica da infância casimiriana, substituindo a visão ingênua e idealizada por imagens amargas e duras”, diz a pesquisadora em “Infância de papel e tinta (Brites, 2021, p. 17).

Referindo-se especificamente a quatro outros textos da literatura adulta de Clarice – “Felicidade clandestina”, “Restos de carnaval”, “Cem anos de perdão” e “Os desastres de Sofia”, Brites (2021) traz à tona a característica que os diferencia do conto sobre o qual escolhemos nos debruçar aqui, “Tentação”:

¹ A citação utilizada pela crítica literária Yudith Rosenbaum foi extraída de “Uma conversa meio a sério com Tom Jobim”. Texto de Clarice Lispector publicado no *Jornal do Brasil*, em julho de 1971.

Paradoxalmente sofrida e prazerosa, a infância nesses quatro contos parece se sintetizar na imagem da “rainha delicada”, de *Felicidade clandestina*, quando no mundo da fantasia e do desejo as protagonistas transfiguram-se em rainha — em rosa, em mulher —, instaurando um espaço de resistência às adversidades cotidianas. Mas, frágil e delicada, essa força que se opõe à dor e se sustenta apenas no universo interior das garotas é também etérea, já que pertence ao campo da memória e da narrativa, ou seja, da ficção (Brites, 2021, p. 24).

Se, nos demais textos, o que sobra às personagens infantis – não por acaso, todas elas meninas – é esperar pelo dia em que vão deixar de ser crianças, neste conto a criança experimenta essa mesma sensação, mas transformada em presente: quando encontra o cão, ela pode antever o que ela *já é*. O *basset* “lindo e miserável”, como diz Clarice (1999, p. 43), desprevenido e acostumado a ser cachorro, que dobra a esquina e cruza o olhar com o da menina, ao mesmo tempo, “sua outra metade neste mundo” e “a possibilidade de comunicação”. Uma evidência da relação da infância com a ausência da linguagem:

Entre tantos seres que estão prontos para se tornarem donos de outro ser, lá estava a menina que viera ao mundo para ter aquele cachorro. Ele fremia suavemente, sem latir. Ela olhava-o sob os cabelos, fascinada, séria. Quanto tempo se passava? Um grande soluço sacudiu-a desafinado. Ele nem sequer tremeu. Também ela passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo. (Lispector, 1999, p. 43).

Aqueles que não têm voz

Como se vê, os dois protagonistas de “Tentação” são uma criança e um cachorro. Segundo a narradora onisciente, ambas as personagens – aparentemente díspares – estão unidas por duas características comuns; a primeira é banal e física (são ruivas), já, a segunda, guarda um fundo existencial (sentem-se desamparadas). Diz o conto:

Os pêlos de ambos eram curtos, vermelhos. Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se com urgência, com encabulamento, surpreendidos (Lispector, 1999, p. 43).

O que a narradora do conto não diz – e nem é preciso que enuncie, uma vez que à percepção do leitor será compelido notar – é que, ao escolher um cão e uma menina para personificar os ditos da história, ela coloca duas personas à parte da sociedade que

detém o poder, portanto, a linguagem. Dois marginais. O cachorro porque é um animal não racional, e a criança por seu lugar de infante, aquele que ainda não detém a fala. Não por acaso, etimologicamente, a palavra “infância” é originária do latim *infantia*, e significa “incapacidade de falar”.

Assim, cada um à sua maneira, tanto o animal irracional quanto a criança são excluídos da participação social por não serem dotados de uma voz – a linguagem que, se ao cachorro falta por limitações biológicas, na criança falta por usurpação social. Então, aqui nos interessa olhar em detalhe para a figura da criança, cuja presença ou ausência na evolução sócio-histórica denota uma série de questões, as quais demandam um olhar detido:

[...] ambos eram comprometidos. Ela com sua infância impossível, o centro da inocência que só se abriria quando ela fosse uma mulher. Ele, com sua natureza aprisionada (Lispector, 1999, p. 43).

Do muito que a História da infância no Ocidente nos ensinou é que esta talvez seja uma das mais multifacetadas e misteriosas expressões do ser humano. Houve o tempo em que ela foi ignorada, o tempo da invisibilidade atrelada ao trabalho, e o tempo da crença de que a criança representava a possibilidade de modelamento do adulto pretensamente ideal. Hoje, em que as bordas do sujeito estão cada vez mais borradas e há cada vez mais movimentos de reivindicação por discursos dissidentes, pode-se dizer que estudar a infância tem a ver com tomar perspectiva, tocar na ignorância, trabalhar com aquilo que não se sabe.

A pós-modernidade inaugurou um novo olhar para o mundo e, conseqüentemente, para a criança: uma certeza caduca de que, apesar do adulto, a infância existe e se desenvolve à sua própria maneira, mais ou menos ao sabor do que o mundo lhe oferece como estímulo e fagulha. Nesse novo cenário, a infância não é uma certeza, mas uma *centelha*.

Para Larrosa (2006), a infância é o outro. Para Bachelard (1988), a infância é um lugar. Para muitos, é quase nada. Para poucos, é tanto. Ondjaki (2007) escreveu que a infância é um ponto cardeal eternamente possível. Ou seja, o lugar para onde podemos voltar, o lugar que podemos habitar e visitar quantas vezes quisermos. Antes ainda,

Cecília Meireles (1984, p. 30) dizia que “tudo é mistério nesse reino que o homem começa a desconhecer desde que o começa a abandonar”.

Todos os autores acima estão certos? Aí está uma frase que pode funcionar com ou sem o ponto de interrogação. Há talvez nisso uma resignação de assentir, com alguma grata humildade, que uma coisa pode ser muitas ao mesmo tempo; que resulta infértil tentar captar sobre a infância – sobre coisa alguma, diga-se – um sentido único e irretocável. Na pós-modernidade, a infância é mais do que nunca imune a tentativas de captura.

Porém, à parte isso, é permitido – e, em muitos sentidos, necessário – que alguém se debruce sobre esta coisa enigmática e incapturável que é a infância. Professores, pesquisadores, escritores, ilustradores, mães e pais, todos são bem-vindos, incluídos e necessários nessa tarefa, desde que não percam de vista que a infância não deve ser, como diz Larrosa, “um ponto de fixação do poder, mas aquilo que marca sua linha de declínio, sua absoluta impotência” (Larrosa, 1996, p. 59).

Em seu célebre ensaio *O enigma da infância* – publicado originalmente em 1998 e aqui considerado em sua tradução de 2006 –, Larrosa afirma que a criança é o “outro enigmático”, aquele ser de que nada sabemos e que representa o devir, o inesperado, o irromper da ordem de um mundo moldado de acordo com ideais adultos e, segundo o autor, totalitários: “Uma imagem do totalitarismo: o rosto daqueles que, quando olham uma criança, já sabem de antemão o que é que vem e o que é que se deve fazer com ela” (Larrosa, 2006, p. 193).

Se a presença enigmática da infância é a presença de algo radical e irreduzivelmente outro, ter-se-á de pensá-la na medida em que sempre nos escapa: na medida em que inquieta o que sabemos (e inquieta a soberba de nossa vontade de saber), na medida em que suspende o que podemos (e a arrogância da nossa vontade de poder) e na medida em que coloca em questão os lugares que construímos para ela (e a presunção da nossa vontade de abarcá-la). Aí está a vertigem: em como a alteridade da infância nos leva a uma região em que não comandam as medidas do nosso saber e do nosso poder (Larrosa, 2006, p. 185).

Para Bachelard (2018, p. 94), se há uma “permanência, na alma humana, de um núcleo de infância, uma infância imóvel mas sempre viva, fora da História”, então há

uma infância em nós e na arte; mais especificamente, nos livros ilustrados ditos “infantis” é que podemos encontrá-la.

Para concluir este breve e necessário parêntese que nos acerca da ideia de criança que buscamos sondar e questionar, atentemos ao que, no conto de Clarice, aponta para a figura da criança como sinônimo da ausência de linguagem.

Logo na primeira frase de *Tentação* está uma pista. Clarice diz: “Ela estava com soluço”. O soluço aparece aqui como sintoma, ou seja, aquilo que dá indício do vazio da língua, o que está no lugar da linguagem; uma ideia de ausência de fala como movimento involuntário que, não por acaso, assemelha-se à acepção de “soluço” no dicionário: “fenômeno reflexo que se manifesta por contração espasmódica e involuntária do diafragma, seguida de movimento de distensão e de relaxamento, pelo qual o pouco ar que a contração forçar a entrar no peito é expulso com ruído característico” (Soluço, 2023, s.p.). É como se a autora escancarasse, com o apoio luminoso do soluço como metáfora, o que está implícito nos modelos, padrões repetidos e estereótipos do que é socialmente percebido como sendo uma criança.

Então, entramos na dimensão misteriosa, na natureza do insondável que a literatura clariceana reserva ao leitor. O soluço, assim como o cão *basset*, simplesmente desaparece da história. Assim como na vida, o soluço como sintoma se resolve quando o ar reencontra seus espaços e flui, e a autora deixa supor por que caminhos a menina e o cachorro terão dado cabo de sua falha de voz. Obras abertas, como qualquer leitura pode ser.

Tal lacuna de linguagem se espelha também na figura do cão – impossibilitado de emitir opiniões ou ter seu juízo validado, ele se assemelha à criança. São essas as duas imagens que os conjugam em uma, e aí está contida a visão (ainda) socialmente sustentada por muitos do que é uma criança – algo acessório, desprovido de um uma voz própria ou útil, cheia de graça e inutilidade social, um quase-cachorro:

Ela estava com soluço. E como se não bastasse seu olhar submisso e paciente, o soluço a interrompia de momento a momento, abalando o queixo que se apoiava conformado na mão. Que fazer de uma menina ruiva com soluço? Olhamo-nos sem palavras, desalento contra desalento. (Lispector, 1999, p. 42).

Ao dizer que menina e cão se olhavam sem trocar nenhuma palavra – afinal, não havia outro cenário para um animal e uma criança com soluço, portanto, declaradamente sem voz –, Clarice parece opor a possibilidade de comunicação ao desalento de ambos estarem destituídos de uma chance de dizer.

O conto joga também com a ideia do encontro de si no outro, na diferença do outro, uma vez que o outro serve para que o sujeito encontre-se consigo mesmo. Com isso, Clarice consegue dar notícia do conceito cristalizado da criança no imaginário social, como algo já pretensamente conhecido de antemão:

Que importava se num dia futuro sua marca ia fazê-la erguer insolente uma cabeça de mulher? Por enquanto ela estava sentada num degrau faiscante da porta, às duas horas. O que a salvava era uma bolsa velha de senhora, com alça partida. Segurava-a com um amor conjugal já habituado, apertando-a contra os joelhos (Lispector, 1999, 42-43).

Uma postura muito comum do adulto diante do universo infantil: a de pretender saber tudo. A partir dessa "familiaridade", o que Clarice comunica, na verdade, é o contrário: o próprio estranhamento das personagens diante de seu alheamento.

Por uma outra infância

Se a criança, em suas historiografias e concepções fixadas no imaginário coletivo, é associada à passividade e à ausência de voz ativa (fatos aqui representados pelo símbolo do soluço enquanto manifestação involuntária do vazio da fala), o que o conto de Clarice alcança fazer é uma provocação a respeito do ideário de infância. Atentemos ao título do texto de Lispector (1999): "Tentação". Onde há tentação, se falamos de uma criança, de um infante, ou seja, aquele que ainda não comunica o seu desejo? O desejo da fala, supostamente o desejo da linguagem. Que produções de infância sustentamos quando as vemos como aquela cuja linguagem interessa menos, ou mesmo não interessa? Os valores culturais estão aqui colocados à mesa, com a sutileza paradoxalmente bombástica que a literatura permite.

Foi Llansol quem, dentre tantas poetas que poderiam ser suscitadas aqui, sugeriu pensar na infância como aquilo que ultrapassa a noção de um mero estágio temporal; a infância como um estado de ser. "Uma criança não está em qualquer criança; mas está no homem de qualquer idade em que houver lugar para ela." (Llansol, 2010, p. 213, *apud* Fenati, 2022, p. 14). Uma infância que seja, ao contrário da menina ruiva encarnada pela escrita de Clarice, encharcada de linguagem, a força de um devir sempre na iminência de acontecer.

Reinventar outras ideias de infância, livre de soluços e espasmos involuntários de rigidez e limitações, é tratar com a língua sempre a partir de um lugar de desacato, desacomodando a fala cotidiana de suas poltronas perigosamente confortáveis, que não movimentam novas culturas. É proporcionar à linguagem seu destino merecido de uma existência tão infundável quanto o forem seus usuários dispostos à desobediência. Diz Fenati (2022, p. 7): "Se a história da língua é tão antiga quanto futura é porque ela vive, em cada corpo, a revolução permanente que possibilita sua duração."

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. Jacob Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRITES, Mell. **As crianças de Clarice: narrativas da infância e outras revelações**. Campinas: Editora Unicamp, 2021.

FENATI, Maria Carolina. Aprender a ler e escrever - Maria Gabriela Llansol e as crianças da escola da Rua de Namur. **Caderno de Leituras**, Belo Horizonte, n. 152, p. 1-34, 2022.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, M. C., **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**. Trad. Fernando Scheibe, Cristina Antunes, e Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LLANSOL, Maria Gabriela. **A casa do alto**. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2021.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Um Arco Singular – Livro de Horas II**. Lisboa: Assírio e Alvim, 2010.

LISPECTOR, Clarice. Tentação. *In*: LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

ONDJAKI, Ndalu de Almeida. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

ROSENBAUM, Yudith. **Clarice Lispector (Folha Explica)**. São Paulo: Publifolha, 2002.

SOLUÇO. *In*: Houaiss UOL, Dicionário Online de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

Recebido em 10/03/2023

Aprovado em 20/11/2023